

LETRAS

A QUEDA

Apressado, suando e com respiração cortada pelo cansaço, com o que açoitado por um motivo urgente, Martins Vaz, homem de baixa estatura, fronte curta, nariz, plethorico, marchava em direção a delegacia, onde ia apresentar uma queixa que procedia de causa imperdoavel na sua maneira de ver.

— Então, qui ha? para onde se aitra com tanta pressa? interpellou-o um amigo, o commendador Pinheiro, que lhe embargou o passo.

— Estou indignado; conto-lho em poucas palavras. O Amorim, sabe? depois que liquidou o negocio, a desgraça o persegue bem de perto; nem trabalha mais; nem acha quem lhe de serviço; vadia — e tudo quando faz. Dizem que a filha está trisca.

Ha poucos dias appareceu-me lá no estabelecimento; estava com cara de lauro.

Pedi-lhe que salisise, e veio lembrar-me o seu tempo.

Quando foi hoje, ha poucos momentos, o empregado o viu approximar-se da porta, desaparecendo logo, e com elle um cabaz de figos. Vou denunciar o e pedir que o metam no carcere.

Desgraçado! Não tenho culpa da sua desdita. Não posso ser prejudicado nos meus interesses.

O negociante que assim falava, ao mesmo tempo com um lenço machucado na mão direita, limpava o suor que lhe ensopava a fronte, as faces, a nuca, a garganta, sob o calor intenso d'um sol de meio dia em pleno verão.

O commendador Pinheiro, capitalista respeitavel, homem de cultura intellectual, escoteiro o pequenino negociante, mediu a estatura do seu arrazoado, considerou a patetissima vil da sua abnegação, a mesquinhez da sua philantropia, e despediu-se para dar livre curso ao seu pensamento philosophando consigo mesmo.

— Quanto pode ser cruel a maldade do coração humano identificada com a cegueira moral deste torpa tão digno de compaixão quanto o outro!

Ah! sim, mas é preciso deixal-o passar com toda a sua impiedade, recheado da sua inclemencia, entalado com a sua cruza, como passam os viperinos ophidios sorpeando imunes pelos despejos, pela enlagação do luco, da balsa d'aminha de onde fogeo o proprio homem receloso de ser picado.

São assim os homens; e o menos reconhecido dos animaes; e o cão affeiçoado ao seu dono, faz-se seu amigo intimo pelo simples habito de o ver todos os dias, de receber das suas mãos o bocado que mata a fome, de ouvir o chamal-o para lhe acompanhar em passeio.

A sua fereza se acalma ante o desconhecido que lhe amacia o cachão pelido, e ante a generosidade instinctiva da innocente creança que lhe atria o bolo. Ferido pelo desprezo, elle volta ainda a ulular queixoso e supplico no pé da porta dos que o desprezaram por um motivo que elle não sabe, por que nunca soube nada; e o homem o que faz muitas vezes a vista d'isso?

Servido de consciencia, na plena posse da sua qualidade racional, com mituição intima de que é dotado, elle, o homem, o rei da criação, enfiada-se e manda coitres o desgraçado animal a pau. Sim a pau; e logo da sua caieça esguicha o sangue quente e rubro que vae sellar a ingratidão do que outrora recebeu as mais dedicadas provas de fidelidade!

São assim os homens. A perversidade supprime o que lhes falta em bondade ingênita, a rudeza completa o vazio da doçura natural.

Porque este persegue ao seu indito e companheiro de antiga privação, com quem partilhou alegria e ostentação, e de quem nega hoje uma esmola, si lh'a pedir?

E elle e como essa arvore outrora esgalhada, viçosa, copada, acolhendo a sua sombra os que procuravam refrescar a pelle escaldada pelo calor do sol, a mesma arvore que saciava a fome do faminto com o seu fructo sazonado.

E veio a mão do madeireiro e decepou-lhe as rama

NINON DE LENCLOS

esmeralda da rirga, que jamais osuou manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, attribuindo sempre os seus dons a sua certissima baptisima que rasgava a corrente do tempo, eja fosse embutavase sobre sua immutabilidade physionomica, sena que nunca deixasse o menor traço. «Minha verdadeira vida», via-se obrigado a dizer o velho baluzgento, como a rapasalle Lafontaine dizia das nuvs. Este segredo, que a celebre e egoista faveira jamais contou a quem quer que fosse das possuas oquellas época, descobriu-o Dr. Lecomte entre as folhas de um volume de *L'Histoire monumentale des plantes*, de ussy-Rabatun, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LACOSTE, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.**

Esta casa tem-no à disposição das missas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

OUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os produtos mais lindos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUORE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos à por natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILLIERE

que augmenta, engrossa e brinca os pestanhas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUORE MANODERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Coavem esgír e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embrapa, eiza, ametina a epiderme, impede e destrói as freiras e as verrugas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com travos torna a respirar sua brançura primitiva e cura os olhos lisos por meio do **Anti-Bolbos**, produto sem igual e muito conhecido.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella e encantar todos os olhos
lave-se servir a **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Faltam os cabelos e cercadas empregando-se **L'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que impõem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

de dentes estragados, suão os olhos brancos com **L'Extrait dentifrice des Benedictins du Mont-Majella.**

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro **RACAHOUT** dos **ARABES** Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

Tambem é recommendado as mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as **PHARMACIAS**

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER
PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ do ARROZ — OLEO
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trèfle incarnat
L. T. PIVER
Perfume de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ do ARROZ
LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver
PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO

A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o tousoador

Dentifricos Mao-Tcha
PÓ — PASTA e ELIXIR

VINHO DE CHASSAING
BI-DIGESTIVO
Recetado ha 30 annos
CONTRA as AFFECÇÕES das VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.

PHOSPHATINE FALIÈRES

A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais suavosoro e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE
é curado com o
verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy
do D. BOULIGOUX
Laxante certo,
apresenta-se em pó branco, facilmente solúvel
em agua de chuveiro de 25 a 30 graus a 25º C. 1911
PARIS, AVENUE VICTORIA, Nº 6 e PHARMACIAS

Houbigant
PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
— PARIS —

AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TOUZOADOR

AGUA de TOUCAOOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Moska, Magnol, Etillet Reine, Imperial Russe, Libas blanc, Heliotrope blanc, Fougere Royale, Gloriosa, Jasmin d'Espagne, Fleur de Rome, Giroflée, Goryfalis, Bimbo d'Or, Soumise, Roucou.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Ambretteale, Fougere Royale, Latit de Thiribee, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE,
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

as intemperies do tempo completaram a obra de destruição, apodrecendo o tronco ennegrecido, já sem a sombra já sem o aspecto aprazível de um bom pinheiro, sem o rumorejar das folhagens verdejantes e o suave aroma dos fructos sazoados.

Elle tambem já deu a sombra da sua valida protecção, e matou a fome a muitos com o abundante fructo de seu trabalho.

Agora desandonou-lhe a roda da fortuna, o sopro da desgraça bafejou-lhe a sorte, antes tão ditosa; e eis-o que ali passa, com um riso alvar nos labios, com o aspecto de louco, com o ventre trinado de fome e o seu todo exhalando maço cheiro, um fartum de suor na roupa sua, esta roupa immunda que lhe cobre os joelhos pontudos, os biceps enghelhados, como que murchos, as clavículas salientes.

Afeia-lhe a pelle uma dermatose vulgar, e elle n'uma impaciencia afflictiva, estrega-se com as unhas crescidas, levantando crustas seccas; as caspas alastam-se-lhe pelas faces macilentas, e não mais o acerto, as precauções hygienicas d'outros tempos.

Desventurado!

ignorar — a verdade luminosa da poetica expressão de Victor Hugo.

«Oh! não insultemos nunca um desgraçado que cahe. Quem sabe sob que fardo a pobre alma succumbe?»

ESTAVO GOMES.

(1) Emile Julliard.

AS AZAS D'ICARO

Na sala estavam apenas umas quinze pessoas, amigos e adversarios do sr. presidente. Eram já nove da noite e o convite marcava a reunião para as oito e não apparecia mais viv'alma.

O sr. presidente bufava! Convocára a reunião para annullar o effeito da desconsideração que collectivamente lhes haviam infligido e ao patrão os maiores da terra e parecia-lhe que sobre os dois parava mais um fiasco.

pelo adiantado da hora parece que não vira mais ninguém.

— Não pôde ser. Quem deixaria de acceder a um convite que vale por uma orden (ao presidente d'esta coisa, sabendo-se que tenho por detraz o meu, o nosso) patrão a pichar-me pelos cordeis? Não ousaria, como diria um Guise.

Apparece este com um aspecto entre serio e trocista e o sr. presidente interpella-o pela seguinte forma:

— Diga-me: como e que você fez esses convites?

— Saberá v. ex.ª...

— Alto! berra-lhe o sr. presidente... Tome muito sentido no que vou dizer-lhe: quando tiver de se dirigir a mim ou ao meu patrão não é por — v. ex.ª — que nos ha de tratar, é por — *vossa importancia*.

— Rato de homem, disse o continuo com os seus labios, d'uma d'estas é que nem o diabo se lembrava.

Saberá *vossa importancia*, continuou o pobre homem, que fui primeiro as casas dos grandes mostrar a estes o officio com o convite e depois fui a mais umas duzentas casas de outros tantos contribuintes mostrar



A VOLTA PARA CASA

O azar embaraçou-lhe os negocios, destruiu-lhe a raiz dos planos. Deu-lhe com a fortuna em pantana! E o seu companheiro de passadas luctas corre, sedento de justiça, para denunciar, porque n'um momento de allucinação, na febre da fome, tirou-lhe o cabaz de legos que elle por certo não lhe daria, ainda que pedido no fervor da supplica!

Ah! são assim os homens; e os que assim não são, os que não tem esse mesmo sentiu, constituem a excepção d'esta regra geral idio-psychica.

Elle corre a denunciar o infeliz, e n'esse momento leva em si proprio a perversidade das almas pequeninas e a cegueira das consciencias caheadas.

Não sabe por certo que ninguem tem o direito de condemnar o seu semelhante por uma acção, qualquer que esta seja, si o desgraçado nunca foi encontrado no estado d'alma e na situação que o obrigaram a praticar a.

Antes de gritar *malvado!* em perseguição ao pobre diabo que mette na sua algibeira o bolo que furto, attendamos que a fome, fallando mais alto que os nossos principios, pode achatar-nos brutalmente a mão sobre um bolo equivalente. (1)

Da galeria da grande especie humana esse negociante boçal e afortunado é o typo regular.

Entretanto, ignoramos, porque todos queremos

O patrão sentia alargar-se-lhe ainda a mais a maxilla inferior, o que mais accentuava o typo *porante* o qual Lombroso não hesitaria...

Mas era necessario dar começo à sessão, porque nos rostos do magro contingente que havia conseguido reunir principiava a transparecer a sensação da maçada que lhes ia invadindo os espiritos e se um dos treze levantasse voo a debandada gerat era certissima. Se a coisa, tal como estava, já era medonhamente ridicula; se os poucos que haviam conseguido reunir debandassem, era obra para serem corridos a batata pela garotada, de que ainda se se livraram por milagre.

O sr. presidente para conjurar o fiasco e salvar as apparencias disse ao seu immediato, a quem pela primeira vez encontrava com cara de poucos amigos:

— Então, sr. vice-presidente, apparecem ou não apparecem esses grandes da terra e mais o povo a quem mandei convidar para se reunirem hoje aqui, pelas oito horas da noite, para prestar ao meu illustre patrão a homenagem que lhe é devida pelas bonitas obras que tem feito.

— Conforme a indicação de v. ex.ª, respondeu o sr. vice-presidente, sempre com cara de poucos amigos, mandei convidar os membros e muitissimo povo, mas

lho e todos me diziam que heavam scientes. Eu la me parecia scientia de mais para esta terra!

— Mas então aonde está essa gente? Porque é que elles não vieram?

Como o sr. presidente proferisse estas palavras fiitando o continuo, este accrescentou:

— Se *vossa importancia* me desse licença eu dizia uma coisa.

— Diga lá.

— E' que talvez: os homens não fizessem caso...

Esta hypothese produziu no sr. presidente o effeito que lhe causaria despejarem-lhe um balde de agua nevada na nuca.

O continuo accrescentou ainda:

— E depois saberá *vossa importancia* que os mais d'elles estão alli em baixo, no largo, feitos *mirões* a disfiectar o que se passa cá em cima, talvez para se rirem depois.

— Ah! elles estão la em baixo? Então conta-me d'essas! Eu conheço-os! Elles não sobem, mas é pelo respeito que tem aqui ao meu patrão, que nos tem a todos na algibeira. Quem ver enquanto a sala

corredores se enchem? E' eu descer ao largo e maldos subir: vem logo tudo.

Oh! Tomo primeira vez que teve o atrevimento de não lhe chamar patrão vamos ter uma sessão d'estalo; vamos tirar uma desforra monumental.»

E eis-o ahí vae, o sr. presidente, escada abaixo, ao largo, dirige-se aos diferentes grupos, pede-lhes que subam, impiora mesmo a benevolencia dos circunstantes; dá-lhes pancadas amistosas; assegura-lhes que se não de divertirem unmenso se assistirem á sessão, mas aquillo não eram homens de carne e osso — eram de gesso; nem um só se movia. No bestunio do sr. presidente principiava a entrar a suspeita de que a sua importancia e mais a do patrão, são uma hypothese sem fundamento, porque apenas pescou uma das estatuas, que arrastou até ao primeiro andar, não conseguindo fazel-a entrar na sala sob rob pretexto de que estava de jaqueta — um sujeito que habitualmente vae á missa assim enlarpellado. . .

N'esta altura o sr. presidente principiava a sentir-se livido e a bocca amargava-lhe como se estivesse mastigando uma boa dose de rosalgar: era a importancia que começava a subir-lhe á cabeça.

E lá se abriu a sessão com o minguido auditorio, dizendo o sr. presidente varias cousas, mas o sr. vice-presidente metteu-lhe a viola no sacco com a leitura do telegramma que, ao contrario do que s. ex.ª affirmava, dizia que a entrevista podia effectuar-se em qualquer dia.

O sr. presidente embuchou com o desdido e cedeu a palavra ao seu patrão que exhibiu um baralho de cartas que, dada a origem, devem ser marcadas e com as quaes se prova tudo e o contrario. E usando da palavra com o calor e fluencia que todos lhe admiram, por tal forma entusiasmou o auditorio que os treze que o escutavam desataram a bocejar medonhamente, mas era por engano, e se um ou outro resonava era por distração, porque todos elles estavam distrahidissimos com a preleção.

Concluida esta e encerrada a picaresta sessão, os treze, que pela paciencia pareciam beneditinos, continuavam immovels nas suas cadelras, sendo necessario que o continuo os fosse tirar d'aquella especie de extasi em que os mergulhára com o verbo eloquente do patrão do. . . grom.

Lá conseguim que se pozessem de pé, mas estavam todos com os olhos esgaseados; marchavam com passo incerto, tropeçando uns nos outros tomavam uns a janella pela sahida, pretendendo outros subir ao segundo andar, julgando que desciam; uma confusão extraordinaria, que dava um trabalho ao pobre continuo para os fazer entrar na ordem.

Parecia que o sopro d'um typho os tornáta inconscientes. Mas não era assim: é que se haviam regalado com uma famosa somneca de que ainda se achavam mal acordados e só assim se explica que um dos treze viesse cá para fóra afirmar muito convicto que o que os melros haviam cantado um rosario de verda-

des. Depois de muito bem acudido espartou de todo e verificou que laborava em um erro.

Mas a picaresta sessão necessitava de um epilogo digno d'ella e teve o.

Horas depois. . . desabava Troia e á luz da lua de sinistro alvor, como disse Soares de Passos, fundiram-se as azas de cebo dos dois learos de. . . margarina, que se estatelavam redondamente na calçada!

DEMOCRITO JUNIOR.

A noiva

Como um lyrio immaculado,
todo alvor e lornosura,
no seu dia de noivado
é a noiva, branca e pura,
como um lyrio immaculado.

Assim, tão branca e formosa
como vem, antes parece
a imagem mysteriosa
da lua, que resplandece
assim tão branca e formosa.

Com suas niveas roupagens
e as flores da laranjeira,
é como as vagas miragens
da nossa illusão primeira,
com suas niveas roupagens.

Como um lyrio immaculado,
todo alvor e formosura,
no dia do seu noivado
é a noiva, branca e pura,
como um lyrio immaculado.

Chera de afeição infinda,
de onde vem, para onde vae?
de onde vem ella tão linda?
Ven do amor de mãe e pai:
cheta de afeição infinda. . .

E vae para um seio amante
como uma pomba querida,
que, de um abrigo distante,
busca uma nova guarida
e vae para um seio amante.

Como um lyrio immaculado,
todo alvor e lornosura,
no seu dia de noivado
é a noiva, branca e pura,
como um lyrio immaculado.

PAULINO DE AZURENIA.

O Homem

Quem, como afunda no Oceano,
Descende hoje seguro,
Sem vacillar, nesse escuro
Abysmo do peito humano?

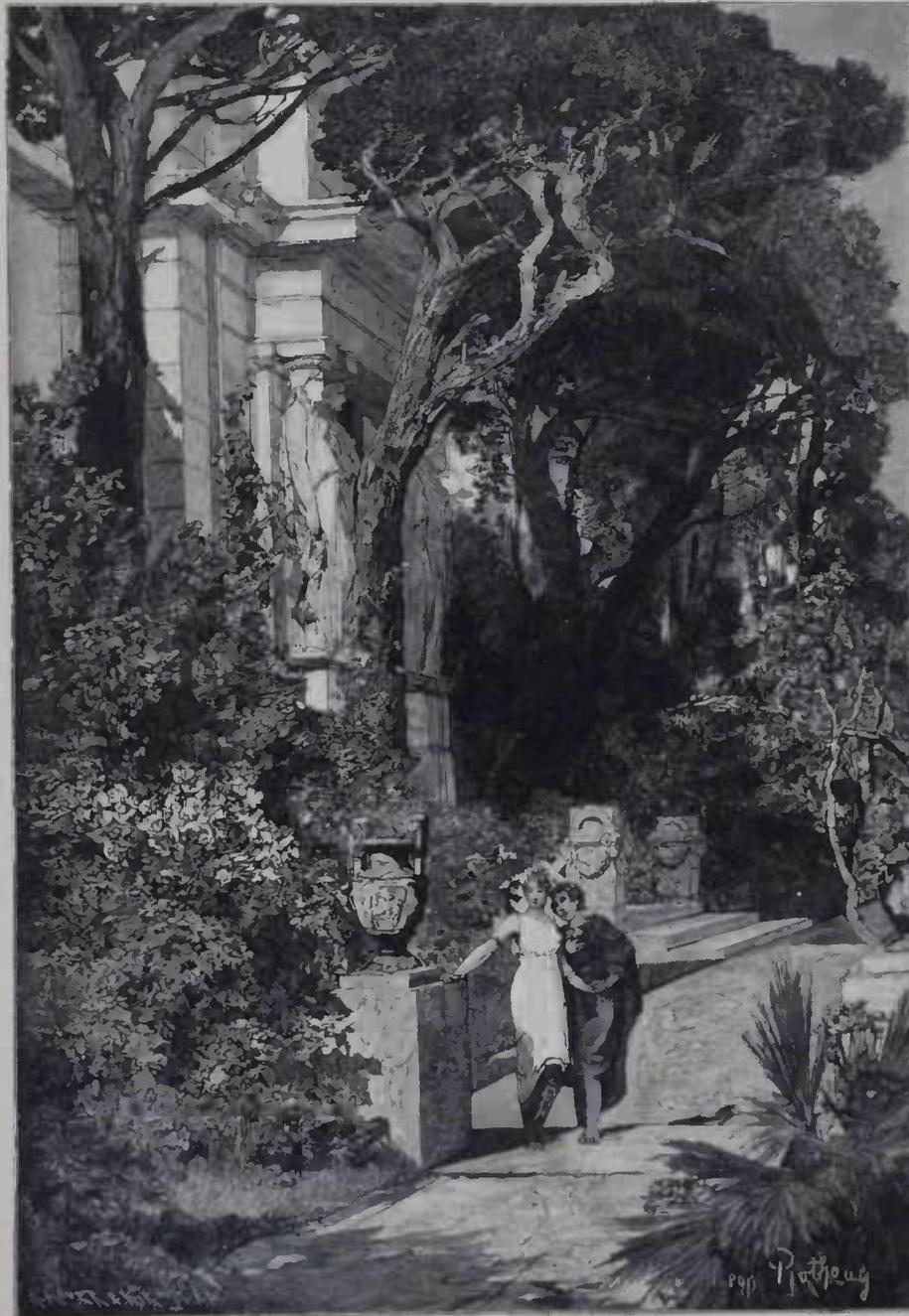
A alma o que é? Sua essencia
Quem sabe? ella existe acaso
Como a flor dentro do vaso?
Ou tem melhor existencia?

Porque é que um céu que avermelha
A luz do raião a infundida?
E se ha um céu claro, embebida,
A alma a resar se apolla?

Mysterio! sempre o mysterio!
De nós quem sabe o que somos
Quando a existencia transpomos
É a noite do cemiterio!

De nós bem pouco sabemos,
Ha dentro em nos uma esphinge
Que a nossa alma aberta e cinge. . .
Existe mas a não vemos.

ALFREDO M. DE OLIVEIRA.



Preterito imperfecto

1 *Cablos Tunior*

Veni-me vindo a vaga nostalgia de um fugitivo instante do passado, que, um certo dia, num momento dado, todo me encheira de intima alegria

É tudo então que eu esquecido havia, pelo minto que andava deslembrado daquelle instante, — como um bando idado volta, rindo e falando desse dia...

É junto e em torno a mim, um doce e vario hymno, todas as cousas a porfia cantam, em um concerto extraordinario...

Mas, dentre a extranha e excelsa melodia, uma voz, como um velho stradivario, rompe chorando — quando out rora ria!

Porto Alegre — 1900.

PABRINO DE AZURENHA.

CHRONIQUETA

Rio, 8 de Maio de 1900.

As festas do centenario não foram, graças a Deus, tão chochas como se poderia esperar à vista da frieza que se mostrara durante os preparativos. Fizeram-se bonitas illuminações, magnificos fogos de artifício, houve muita musica de pancadaria, muito fagnete de lagrimas e de assobio, e a população não se deixou ficar mettida em casa.

O clou destes festejos foi, nem podia deixar de ser, o bello monumento de Rodolpho Bernardelli, erguido na praça da Gloria.

É mais um padrão que ahí fica do talento do grande escultor brasileiro, a quem a cidade já deve as estatuas de Osorio, Caxias e Alencar.

Não cabe nesta ligeira columna a apreciação desse bronze; demais, eu penso que as grandes obras d'arte, destinadas à posteridade, escapam ao juizo dos contemporaneos. A estas palavras: « É bello. » Reduzo, portanto, a minha critica.

Do quadro de Aurelio de Figueiredo não falo as minbas leitoras, porque não tive ainda occasião de o ver; mas é de suppór que o illustre artista pintasse uma tela digna da sua provada competencia e da sua fama.

O outro clou artistico das festas do centenario foi o elegante e magestoso arco manuelino, erguido na intercessão da rua do Catteta e caes da Gloria, obra do distincto architecto Morales de los Rios, professor da Escola Nacional de Bellas-Artes. É a primeira vez que no Rio de Janeiro um trabalho desse genero e elogiado por verdadeiros artistas.

Esse arco, levantado a expensas da colonia portugueza, produziu tão bom effeito, que entre os membros mais influentes da mesma colonia já se aventou a idéa de reproduzi-lo em pedra.

O monumento de Bernardelli, aquelle arco e o futuro edificio da Escola que se construi no local occupado hoje pelo velho mercado da Gloria, completariam a decoração artistica daquelle sitio. Queira Deus que isto se realize, e não aconteça a esta boa idéa o que succede geralmente ás boas idéas na nossa terra.

No meio do bulicio das festas do centenario passiu desaperecebida a abertura das camaras. A propria mensagem presidencial, a julgar por uma infinidade de telegrammas, foi mais lida nos estados e no estrangeiro que na propria capital federal.

Camaras muito exquistas estas, porque toda a gente sabe que só foram reconhecidos os senadores e deputados que tinham sido candidatos do governo. Mas o meu amigo Lavignasse já me tem pedido um tor de vezes que não traga a politica para este periodico de senhoras, e eu comprehendendo esse empenho, fentre tanto, olhem que é duro ter sido eleito e não sei re-

conhecido, — e aí do paiz onde ha outras vntades que se oppoñiam a vontade do povo...

✱

Se não fossem as festas do centenario o facto capital destes ultimos dias teria sido, não a abertura das camaras, não a mensagem, não o duello havido entre a alopathia e homeopathia, isto é, entre dois principes da sciencia Francisco de Castro, alopatha, e Joaquim Murtinho, homeopatha.

É o caso que, tendo o general Mallet, ministro da guerra, adoecido gravemente, foi desenganado pelo alopatha e curado pelo homeopatha.

Esta victoria da alopathia sobre a homeopathia deu muito que falar, mas nestas cousas, menos que na politica, não meito o meu bedelho: *tolter quanto*.

Apenas menciono o facto: o ministerio da fazenda salvou o ministerio da guerra.

ELOY, O HEROE.

BRAZIL-PORTUGAL

Numero extraordinario do 4º centenario da Descoberta do Brazil, trazendo numerosos dados e linhas gravadas em relevo e a este fuzido acentuadamente.

Numero extraordinario do 4º centenario da Descoberta do Brazil, trazendo numerosos dados e linhas gravadas em relevo e a este fuzido acentuadamente.	10.000
Cada exemplar	10.500
Pelo correio registrado	105.000
Assignatura annual tanto para a Capital Federal como para o interior	

CASA LOMBAERTS
A. Lavignasse & C.
7 Rua dos Ourives 7
RIO DE JANEIRO
Intermediarios dos agentes do Rio de Janeiro

THEATROS

Rio, 8 de maio de 1900.

A companhia do Apollo festejou o centenario brasileiro com um a—proposito em 3 quadros, em que a Herminia faz de Fama e o Peixoto de Camões.

A peça, escripta por Eugenio Silveira e Manoel Figueiredo, e intitulada *O centenario*, tem todos os matadores do genero e está bem posta em scena, com bonitos scenarios de Carancini e Coliva.

*

Para hoje annuncia tambem o Lucinda o seu espectáculo de gala, — e a esses d'us espectaculos se reduzem as manifestações do theatro nas festas do centenario. É triste.

*

A magia do Recreio, *O Beouro Encantado*, e uma borracheira inqualificavel, — entretanto, o Recreio é, ao que parece, o unico theatro que « vai fazendo alguma coisa », o que prova que no Rio de Janeiro, em questão de theatro, quanto peor, melhor.

*

No S. Pedro está uma companhia de cavallinhos, a companhia dos irmãos Carlo, que é de terceira ou quarta ordem. Foi, pois, com palhaçadas que no theatro de João Caetano se festejou o 4º centenario do descobrimento do Brazil.

X. Y. Z.

M.^{me} Gazzaniga & M.^{elle} Bier

28 — Rua Gonçalves Dias — 28

(SOBRADO)

Encarrega-se de Lutos,

Envioes para Casamentos e todo e qualquer trabalho

concernente á sua arte

RIO DE JANEIRO

Material da A ESTAÇÃO



- CARRETILHA para levantar moldes... 28500
- ESTOJO com duas fitas metricas..... 22500
- PAPEL ESPECIAL para moldes 5 folhas grandes 24000
- PAPEL ESPECIAL para moldes 10 folhas pequenas..... 14000

Pelo correio mais 500 rs.

Estes objectos facilitam muito o trabalho de levantamento de moldes e côrtes bem como o côrte e costura e a passagem dos riscos de bordados das folhas publicadas pelo jornal.

PEDIDOS NO ESCRITORIO DO JORNAL A ESTAÇÃO

CALLIFLORE FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Gracias ao novo modo porque se empregam estes pos communcam ao rosto uma maravillosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL Amygdalina e Glycerina

Este excellent Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a avelludada; pelo que respeta as mãos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, 16, Avenue de l'Opéra, Paris.

É nas suas seis Casas de venda por miudo nos bairros mais ricos de Paris.

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-TAROPÉ NEUROSINE GRANULADA NEUROSINE-CAPSULAS

Deposito Geral: CHASSAING & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

Debilidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaqueca.

De vez em quando, se me encontrava com sabichões de polpa, puxava arditosamente o assumpto. Vinham a baila os cães do Nilo.

E os sabichões respondiam me inalteravelmente:

- E' realmente esquisito!
- E' em verdade singular!
- Não deixa de ser notavel!

Clarissimo! Não deixava de ser esquisito, singular e notavel. Quanto ao mais, pensava eu que seria preciso ir ao Egypto para saber o motivo porque os cães do Nilo iam correndo e bebendo.

E talvez lá não m'o soubessem dizer, em razão d'aquelle proverbio que diz: casa de ferreiro, espeto de pau.

Ja estava disposto a juntar dinheiro para ir ao Egypto, por causa dos cães do Nilo, quando acceitei de ler a *Historia tragica maxima*, que me deixou encantado.

Eu sempre tive tendencia para os livros velhos, que, segundo a opinião do dr. Manuel Bento de Souza, e onde pode encontrar-se a sciencia nova.

Ahi por uma noite de verão, e de lindo luar—cên azul, estrellas fulgidas, lua de alabastro: estylo de uma *descripção* que o meu professor de litteratura tinha achado auspiciosa, à parte o alabastro com que embirrou algum tanto—achava-me eu na altura de metade do 1º tomo da obra, e lia, com muito agrado, a narração que o padre Manuel Barradas faz da cidade de Colombo.

Eis senão quando, no fundo de uma pagina, me surgem de repente os meus cães do Nilo com a explicação do problema.

O' prazer ineffavel! o jubilo gostosissimo! Abençoado padre Manuel Barradas, da Companhia de Jesus, que sabia mais do que todos os homens que eu havia conhecido e consultado até então. Era um barra, esse bom padre Barrades, que no fundo d'aquella pagina me dava com a maior naturalidade d'este mundo a invejada chave do enigma.

«E d'estes devem ser os crocodillos do Egypto, for meio dos quaes os cães bebem correndo».

Trez linhas apenas, cheias de luz, de sciencia clara e de ensino pratico.

N'essa noite deitei-me tranquillo, como se tivesse ganho uma batalha, que alias não durou menos do que toda a guerra de Troya.

E agora, quando encontro por ahi os cães do Nilo, «que corram e vão bebendo», digo sempre com os meus botões:

— Bem sei. Do que elles têm medo é dos crocodillos.

ALBERTO PIMENTEL.

Filho das Hervas

(CARTAS A'S MÃES)

Senhoras: Venho pedir-vos a leitura d'um livro portuguez. Vós outras, que tão veseiras sois no procurar a doçura das lagrimas em bastardas litteraturas vós outras, que tanto precisais d'um livro de coração, erguei os vossos dedos d'ouro, piedosamente, o livro do mais moço dos romancistas de Portugal, sem duvida o de maior sentimento, por certo o de maior futuro. Chama-se *Filho das Hervas*: peço-vos, para elle, um cantinho do vosso coração. Sonhou-o um poeta que nunca fez versos, uma flinda alma comovida e luminosa, grande no sentir, humilde no dizer. Falla de alegrias que dão vontade de chorar, de coisas que só os regaços das mães entendem, dos mil nadas do amor, dos beijos que não se revêtem, das palavras que não se chegam a dizer... E' um livro para mulheres, um livro para mães. Vós todas, que já conheceis a bemdita dor de ser mãe, que já sabeis por que modo um beijo floresce n'um raio de sol, por que jeito um coraçãozinho nasce de outro coração, haveis de sentir a alma molhada de lagrimas ao folhear esse livro de amor e de enternecimento. E agradecer-me-heis, por certo vós todas creaturas nascidas para a ternura, vós todas, que eu já cuidei de ver sem vos conhecer ainda, faces d'uma palidez religiosa, cabeças illuminadas d'uma graça de Botticelli,—vós todas me agradeceréis, por certo... E' um livro para se amar, para caber no melhor raio da vossa estante, um livro para quando quizerdes rir, um livro para quando quizerdes chorar... Livro que levanta até à compaixão os humildes, e os que muito amaram, os que sofreram por ter amado muito, quasi rasteiro pela linguagem que falla, quasi gigante pelas verdades que diz... Aconheçae-o bem á vossa alma, perguntae-lhe por tudo o que haveis sentido n'este aspero caminho da vida, e elle vos responderá, o santo livro, o querido livro. Não vereis n'elle o ouro e os brocados d'uma linguagem rica de palavras e fraca de commoção; muito ao avesso, o romance para que vos peço o vosso arriolo, e mais portuguez pelo sentimento do que pela feição do dizer. Grande fartura de bellezas achareis n'elle, se o leredes com o coração. A vós todas o entrego, Senhoras, para que não passe despercebida uma das mais lindas novellas, que tem visto a luz do dia. Vós todas, cujos dedos foram creados para desfolhar rosas, botae-as, piedosamente, sobre o precioso livro, eolvei os olhos misericordiosos para esta desanparada litteratura de Portugal!

JULIO DANFAS.

Pingo d'agua

A um poeta mediano.

Um dia, um pingo d'agua á marulhosa
correnteza escapando occultamente,
achou-se de repente,
no cheiroso regaço de uma rosa.

— «Que celeste vivenda!» — o venturoso
pingo d'agua pensou, e, sem receio,
aconchegou-se ao seio
da rosa, ebrio de amor, louco de gozo.

Ahi vivia calmo e descuidado,
oculto e satisfeito ali vivia,
sorvendo, — que ambrosia!
da meiga rosa o beijo perfumado.

Descia a noite limpida e formosa,
e, sob os raios do luar macio,
era o feliz, o frio
pingo d'agua — uma perola radiosa...

Surgia o sol, e a passarada em côro
vinha saudar o venturoso amante,
e, sob o sol brilhante,
o pingo d'agua era uma gotta de ouro...

E assim vivia calmo e descuidado,
oculto e satisfeito assim vivia,
até que, um certo dia,
alguem, que o via, exclama-lhe de lado:

— «Que bello pingo d'agua! que radiante!
como fulgura! como resplandece!...
tão limpido, parece
um enorme, um finissimo brilhante!»

Um tanto desconfiado no começo,
o pingo d'agua ergueu-se olhou-se tolo,
e gritou, quasi doudo:
— como fulguro! como resplandeço!

«Sou de certo uma pedra de alto preço!
que figura! que *pose* luminosa!
e depois para a rosa:
— «olha, vê: como brilho e resplandeço!»

E sentando-se: «Agora, minha amante,
vou deixar-te... me custa... e então se erguendo,
— «sou, bem vês, estás vendo,
um enorme, um finissimo brilhante,

E não posso cortar minha carreira
ficando aqui, desconhecido, inculfo,
eternamente occulto
n'este... quero dizer: n'esta roseira...

N'isto, porém, ergue-se um sopro breve
de vento, um breve sopro, e - oh! dôr! oh magua! —
o pobre pingo d'agua
tremeu... rolou... desfez-se ao vento leve!

Poeta, que te julgas um portento
e unico heroe das lutas do Parnaso,
medita n'este caso
do pingo d'agua que se desfez ao vento.

A lisonja falaz da nesca gente
gaba-te os versos, a inspição o engenho,
e, carregando o cenho
passas altivo, erecto, impertinente.

passas por entre os outros arrogante,
desprezas quantos vês no teu caminho,
e simples e mesquinho
pingo d'agua — imaginas-te um brilhante!...

ZEFERINO BRAZIL.

Pela Sciencia

Um palacio á prova de terremolos

Constrõe-se n'este momento em uma officina de Chicago um palacio de aço ao abrigo dos terremolos, destinado ao principe imperial do Japão e que devera custar seis milhões de dollares. O esqueleto metalico, uma vez montado, será revestido exteriormente de marmore e granito, de modo a dar ao conjunto um

grande caracter architectural no estylo de renascimento francez.

A dimensões d'este edificio, que será erigido ao lado do palacio do Mikado, serão de 80 metros de comprimento por 12 de largura e 18 de altura. Descançará sobre 400 columnas de aço profundamente ancoradas e mettidas em massiços de betão.

O architecto em chefe da casa imperial, o dr. Katsuhama encarregou da construção da armação os srs. Slankland, de Chicago, que foram os auctores do palacio das manufacturas na grande exposição d'essa cidade; um outro engenheiro, o sr. Charles Wilkes, occupa-se do aquecimento, ventilação, iluminação electrica e da fabricação de gelo.

Espera-se que este novo genero de construção com armação rigida de aço revolucionara a industria das habitações em um paiz em que os terremolos são tão frequentes.

Mosaico

Então eu te disse que me acordasse ás 6 horas em ponto, e acordas-me ás 6 1/2?
— Eu lhe digo, meu senhor: eu vim aqui ás 6 horas, mas o senhor estava a sonhar e dizia:
— «Rapaz! ontra garrala de champagne!»
E eu entendi que era uma dôr d'alma chamal-o sem lhe dar tempo de a beber.

Em um restaurant:
— Rapaz, não posso comer esta sopa.
O creado leva-a e traz outra.
— Rapaz, tambem não posso comer esta.
Vem terceira sopa.
— Rapaz, continuo a não poder comer a sua sopa.
— Sufa! grita o creado, que tem o senhor que dizer á sopa?
— Não tenho nada. Mas não posso comer a sopa porque não tenho colher.

— O amor é verdadeiramente um peccado mortal: perguntava uma dama ao cardeal du Perron.
— Si fosse, responderia o cardeal, estaries morta desde muito tempo.

Em um baptisado:
— Como se chama a creança?
— Tigre.
— Isso não pode ser! Então uma creança com o nome de uma fera!
— E o papa não se chama Leão?

Um viajante chega estafado a uma hospedaria e pede um quarto.
— Não ha, responde o hospedeiro.
— E uma cama em qualquer sitio?
— Não ha camas.
— Não me pode arranjar ao menos um pouco de palha?
— Não senhor: de comer só temos um pedaço de carne assada.

— Agarrem! agarrem! gritava ha dias um poeta conhecido, que corria, como um desesperado, pelo largo do Paço.
O guarda rondante agarrou o fugitivo e os tres foram á estação:
— Este senhor roubou-lhe alguma coisa?
— Sim, senhor! roubou-me o pensamento de uma quadra
O sargento, muito sério:
— Camarada, reviste os bolsos d'esse homem.



MOLDES

Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignatas e leit-ras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'a *Estação*, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica. Já mais bons trinta annos temos nos honrando desse serviço, confiado o sempre a melhores e mais deidas artistas em materia de cortes.
Agora mesmo as senhoras a quem confiamos este trabalho, são das mais abilitadas e mais assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra e servimos a casa e com ufania podemos assegurar a quem nos abilitados a satisfazer a freguezia mais abilitadas que tenhamos receio de que nos venham a desconfiar e apuro e bom gosto, nem na modicidade de preços.

Para o presente numero offerecemos:

- N. 12—Romeira capuz.....
- » 45—Costume maruj.....

Os recados são recebidos no escriptorio com a importancia que deve a pedido.
Pelo correio mais 100 reis para o p. reis de mais para os que se seguirem.